

Sonhos e Grupanálise. Uma Sessão Grupanalítica

Autor:

José de Abreu Afonso
Grupanalista. Psicanalista
Correio electrónico: joseabreuafonso@netcabo.pt

Resumo

Nesta segunda parte do artigo Sonhos e Grupanálise, irei relatar a sessão de um grupo em que fui confrontado com o uso de material onírico na comunicação de importantes conteúdos de carácter intra e interpessoal. Num número anterior da revista, e na primeira parte desta publicação (Abreu Afonso J, 2004), reviram-se os principais contributos teóricos para a compreensão do significado do sonho no contexto grupal. Aqui, procuramos explicitar o trabalho de reflexão do analista sobre o material produzido numa situação concreta da prática clínica.

Palavras-chave: Sonhos; Sonhos de Grupo; Comunicação nos Grupos

Abstract

In this article we consider a group analytical session, where we had to deal with the use of dream material to communicate important intra and interpersonal contents. In Part I of this paper (Abreu Afonso J, 2004) we made a literature revision on the main theoretical contributions for the understanding of dream's role in group analytic therapy.

Keywords: Dreams; Group Dreams; Communication in Groups

O Grupo

O grupo tem, na altura em que decorre a sessão, quatro anos e meio de funcionamento. Reúne três vezes por semana. Iniciou-se com cinco membros, dois homens e três mulheres. Na altura em que decorre a sessão o grupo é constituído por seis pessoas:

- _ Gonçalo, 30 anos, jornalista, solteiro.
- _ Cândida, 41 anos, enfermeira, união de facto.
- _ Susana, 30 anos, professora, solteira.
- _ César, 27 anos, gestor, solteiro.
- _ Sónia, 30 anos, gestora, casada.
- _ Henrique, 27 anos produtor de televisão, solteiro.

Agradeço aos participantes deste grupo que aceitaram que o material clínico fosse publicado. Agradeço a Maria Fernanda Alexandre os comentários estimulantes.

Do grupo inicial restam Cândida e Gonçalo.

II - Uma Sessão de Grupanálise

2 de Outubro, quarta-feira.

Nesta sessão dá-se o regresso de Susana. Interrompera a grupanalise para fazer uma pós graduação durante um ano lectivo. Nesse intervalo entraram, em simultâneo, Henrique e Sónia.

Susana chega minutos antes da hora. Pouco depois entra César. Chego à hora e encontro-os a conversar, num registo factual. Entra Henrique e o registo continua idêntico. Entra Cândida que cumprimenta, aparentando entusiasmo. Chega Sónia. Sónia ocupava a cadeira deixada vaga e retomada por Susana. Só restam livres, as duas cadeiras ao meu lado no círculo. Sónia, quase sem hesitar, toma o lugar à minha direita. Entra Gonçalo que cumprimenta ansioso e sorridente.

A conversa centrada sobre a realidade vai caminhando para um curto silêncio, interrompido por Susana.

_ Susana – Novidades?

_ Cândida – Está tudo igual.

_ Susana – Mas continuas a viver com o Jorge, ou estás em Massamá?

_ Cândida – Estou em Sintra, mas de vez em quando vou à minha casa.

_ Susana – E tu Gonçalo, como é que estás de trabalho?

Gonçalo responde-lhe que aconteceram várias coisas, mas que estava tudo mais ou menos na mesma situação.

_ Henrique – Quanto tempo fizeste de análise antes de interromperes?

_ Susana – Três anos? (olhando o grupanalista, procurando confirmação)

_ Henrique – (olhando o grupanalista e sorrindo, como que justificando-se) Agora a pergunta habitual! Em três anos o que é que mudou?

_ Susana – Mudou muita coisa... muita coisa mesmo! Não te posso dizer que senti uma mudança radical. Vejo o que mudei quando me ponho a pensar na minha vida... Mas confesso, houve um período em que hesitei entre voltar e não voltar!

_ Cândida – Não tiveste saudades nossas?

_ Susana – No início foi complicado. Àquela hora faltava qualquer coisa. Depois fui habituando e, no fim, já me custava pensar no regresso. Parecia-me que não queria muito mexer nas coisas. E depois tenho o Nuno contra. Ele está muito preocupado. Diz: - Mas agora que estamos tão bem, porque é que tens de voltar?

Põe-se a inventar diálogos em que eu chego aqui e digo: - Ai, o meu namorado trata-me muito mal!

_ Gonçalo – Mas achas que ele sente que te trata mal?

_ Susana – Não, que disparate. Ele não me trata mal. Ele está é inseguro. O que não tem sentido nenhum, pois quando ele me conheceu eu já fazia análise.

_ Gonçalo – Pois! Mas com tantas cedências que tiveste de fazer à vossa relação, pensei que poderia sentir-se culpado.

_ Susana – Mas não! Eu acho que é mais razoável mudar-me para lá. Para o Nuno é impensável separar-se dos pais. É mais fácil para mim mudar. E tem muitas vantagens, apesar das desvantagens. E há uma hipótese de conseguir trabalho no hospital de Santarém.

_ Gonçalo – Será que ele tem medo que tu mudes de ideias?

_ Susana – (começando a impacientar-se) Não! Ele conheceu-me já eu fazia análise.

_ Henrique – (admirado) E disseste-lhe?

_ Susana – Claro! Aliás o estar aqui ajudou-me muito nesta relação.

_ Henrique – Como?

_ Susana – De muitas maneiras. Fez-me sentir mais segura. Com menos medo que ele se fosse embora se eu fizesse qualquer coisa errada.

_ Henrique – Queres dizer que valeu a pena ter estado aqui.

_ Susana – Sim, claro...

Numa curta pausa de Susana, César interrompe.

_ César – Estava a ouvir-vos e de repente lembrei-me de um sonho que tive ontem com o grupo. Tinha-me esquecido completamente, mas estava a ouvir-vos, e lembrei-me. Assim, de repente... E sei que pensei em muita coisa que agora me esqueço. Acho que já nem me lembro muito bem do sonho mas estávamos todos para uma reunião. Mas éramos mais de trezentos. Era quase como uma aula num anfiteatro. Eu não sei qual é a relação aqui com o grupo (virando-se para o grupanalista), nem sei se estava ou não no sonho, mas agora lembrei-me disto. Não sei porquê.

_ Grupanalista – Lembrou-se agora que no seu sonho se sentia anónimo, ignorado, um entre trezentos ...

Nesta altura, Gonçalo, numa atitude que não é inédita, mas que há muito deixou de ser habitual, intervém.

_ Gonçalo – Eu também tive um sonho incrível. Há muito tempo que não tinha um sonho tão assustador. Tive medo, e isso não me acontecia há muito tempo. Sonhei que estava eu e uma rapariga. Era uma rapariga frágil que eu tinha de proteger. Havia comboios... Um metro em que eu ia, que passava por uma estação onde ela estava. Ela ia para uma carruagem vazia e eu pensei que algo de mau podia acontecer. Tinha de a proteger. Vinha um monstro que a podia atacar.

Tirei-a dali e levei-a para um sítio onde estávamos protegidos. Mas ela foi ficando cada vez mais mole, como se estivesse ensonada. Sentámo-nos numa espécie de sofá. Ela anichou-se e como que adormeceu. Eu comecei a ficar cada vez mais assustado. O monstro estava a aproximar-se. Era inevitável o confronto. Ele estava a aproximar-se...

O rosto do monstro! Vocês conhecem aquela série, uma série que dá no 2º canal? É uma série sobre uma rapariga que é agente da CIA, e que trabalha numa agência onde também trabalha o pai dela. A relação dela com o pai é uma coisa estranhíssima. O pai também é agente, e às vezes não se percebe bem de que lado é que ele está. Não é seguro. De maneira que ela tem sempre esse problema de saber se o pai está ou não do lado dela.

Pois bem, o rosto do monstro era o rosto desse actor. Acordei aflito, com medo. Fiz uma coisa incrível, que foi ir verificar as janelas todas da casa. Só depois consegui voltar a adormecer.

À medida que o sonho é relatado, vai-se instalando um clima emocional intenso, condizente com a intensidade do sentimento de fragilidade e desprotecção de Gonçalo. Susana, na comunicação não-verbal, começa a dar sinais de algum desconforto, que vai crescendo ao longo da sessão.

_ Cândida – Mas quem era essa rapariga que protegias? Tem alguma coisa a ver com o que tens contado aqui?

_ Gonçalo – Não sei. No início pensei em mim próprio, mas isso não faz sentido nenhum. Talvez seja a Sara. E eu a querer protege-la, não sei de quê... Ao fim e ao cabo é também disto que eu tenho andado a falar... Tenho andado a falar nas últimas sessões da minha necessidade de proteger toda a gente... Que é uma maneira de ignorar a minha necessidade de ser protegido.

_ Grupanalista – No seu sonho, de um monstro, também de um pai misterioso que pode ser ameaçador...

_ Gonçalo – (olhando para baixo) Hum, hum! Ambíguo, misterioso, que também pode ser uma ameaça... Mas que pode também ser um aliado.

_ Grupanalista – Um aliado para cuidar da “menina frágil”, essa parte indefesa que sente ter de tratar sozinho...

_ Cândida – Tu não sabes se ele te vai fazer mal ou não. Até pode ser que não, que te venha ajudar!

(silêncio)

_ Gonçalo – Isso faz todo o sentido. No fundo sou eu que tantas vezes me sinto

assim e que me escondo, supostamente tomando uma atitude de ajudar os outros... Escondendo a minha fragilidade do grupo e do José...Escondendo sem esconder coisa alguma...

_ Grupanalista – É o seu sonho, vem de dentro de si. A menina frágil que procura protecção, o pai ameaçador que às vezes sente que eu sou, mas também o Gonçalo adulto, capaz de lidar com as dificuldades, mesmo que sejam muito assustadoras. Tão assustadoras como as do seu sonho, e as que sente aqui no grupo.

(silêncio)

_ Sónia – Eu também tive um sonho. Parecido com o teu. Parecido no ambiente... Também no medo. E ... na desconfiança!

Eu estava no prédio da minha mãe (virando-se para Susana). O prédio da minha mãe é num sítio onde tive as minhas aventuras com os tarados sexuais, onde apanhei grandes sustos. É um prédio inseguro. Depois há-de ouvir outras histórias que te vão ajudar a perceber!

Pois eu tinha fechado a porta da casa da minha mãe para sair. Eu já não aguentava mais estar ali, tinha de sair.

Estava no patamar para apanhar o elevador. O prédio tem uns elevadores que vão parando nos andares para onde foram chamados. Quando chegou ao meu andar eu entrei e estava lá um homem desconhecido. Hesitei ao entrar porque ele tinha um ar perigoso. Ele podia ser um tarado perigoso. Eu não sabia, mas havia algo que me dizia que corria perigo. Entretanto o elevador parou no 6^a andar. Engraçado, o 6^o andar é o andar onde morava aquele rapaz por quem eu tive uma grande paixão.

Bom, o elevador parou e, no prédio da minha mãe dá para abrir a porta do elevador e ficar oculto por ela, para que quem vem lá dentro não vê quem está de fora. E foi isso que aconteceu. Não se via a pessoa que estava de fora. Podia ser outro tarado, mas eu tive aquela sensação que às vezes tenho que é a de “vou de arriscar”, “vou enfrentar”. Pus a mão de fora, empurrei a porta e ... era o Sr. Jorge.

O Sr. Jorge era o porteiro do prédio da minha mãe. Ele tomava um bocado conta de mim, mas, às vezes, aparecia onde menos esperávamos, assim num recanto qualquer do prédio: - Menina Sónia? - Ai Sr. Jorge, que susto! (sorrindo) Andava constantemente nisto com os miúdos do prédio.

Então o Sr. Jorge, que tem umas mãos enormes – às vezes, punha-me a brincar com ele e punha a minha mão na mão dele para ver a diferença de tamanho e ria-me, ria-me... –, o Sr. Jorge pegou na minha mão e puxou-me para fora. Fiquei sem saber o que sentir. Acho que tinha medo que ele também pudesse ser um louco, mas por outro lado ele protegia-me do tarado do elevador, que era de certeza mais perigoso.

_ Cândida – Mas então ouve lá, tu achas que nós te queremos fazer mal?

_ Sónia – ... Não sei se são vocês... O meu problema aqui não é bem convosco, é mais com o Dr. Não sei se posso confiar...

Outro dia, por exemplo, contei aqui aquilo de fechar a despensa. Depois, lá em casa, contei ao António que vos tinha dito que fechava a despensa e ele disse: - Fechavas não, mandavam-te fechar! (Começa a chorar intensamente).

O Dr. disse coisas que me fizeram muito sentido, mas achou que era eu quem fechava a despensa.

- _ César – Porque é que achas isso?
- _ Sónia – Não sei, parece-me que foi isso que ele achou.
- _ Gonçalo – E o que é que tu achas?
- _ Sónia – Acho que era eu que a fechava, e por isso é que me sinto horrível.
(Intensifica-se o choro)
- _ Gonçalo – É isso que eu acho. Que tu é que sentes isso. O que eu senti, e te transmiti nesse dia foi que tu foste sujeita a uma violência insuportável.
- _ Sónia – (Virando-se para Susana) Desculpa Susana. É uma história que eu contei outro dia, se calhar não estás a perceber.
- _ Susana – Não faz mal Sónia. Tenho tempo.
- _ Gonçalo – Queres que eu conte o resumo?
- _ Sónia – (Encolhe os ombros e perante o olhar insistente de Gonçalo acena com a cabeça.)
- _ Gonçalo – Posso contar?
- _ Susana – Ó Gonçalo, se não te importas eu prefiro que seja a Sónia a contar, quando achar que consegue.
- _ Gonçalo – Pronto, pronto, eu só queria pôr-te a par!
- _ Cândida – Tu fechavas a comida ao teu irmão e fazias isso por maldade!
- _ Sónia – (Silêncio... nova e intensa crise de lágrimas...) É isso que eu acho.
- _ Cândida – Então é isso que achas que nós pensamos?
- _ Sónia – Se calhar é. Ou não é tanto vocês. Não sei. Não me lembro bem do que disseram.
- _ Grupanalista – Que nessa época não teve alternativa...
- _ Gonçalo – Lembro-me de o José ter dito muitas coisas que fizeram muito sentido. Como é que tu podias não fazer o que te mandavam e arriscares-te a ficar sem o amor da tua mãe. Eras uma criança, a única criança da história.
- _ Sónia – Eu acho que fui utilizada por todos. A minha mãe utilizou-me na guerra com o meu irmão, que me utilizou na guerra que tinha com a minha mãe. O meu pai usou o meu irmão na guerra que tinha com a minha mãe, mas acabou por me envolver a mim... O meu pai... as coisas que ele me dizia... É um louco, um tarado em que eu não posso confiar.

(Silêncio)

_ Henrique – Mas há uma coisa que tu não estás a ver... É que anda para aí um Sr. Jorge a proteger-te.

Gonçalo e César sorriem, olhando o grupanalista.

_ Sónia – Pois é... Mas eu não sei se posso confiar!

_ Grupanalista – Hoje foi possível falar aqui de afectos muito intensos. De colocar questões que têm que ver com o mundo interno de cada um, mas também do modo como está a viver a relação com o grupo e comigo Sentimentos complicados, contraditórios, por vezes difíceis de pensar ou verbalizar, mas que os sonhos estão a exprimir, ajudando a compreender.

Hoje estamos a chegar ao fim. Voltamos a encontrar-nos amanhã.

III - Breves Comentários à Sessão

Muito mais do que aqui transmitiremos poderia ter sido considerado no trabalho do analista sobre esta sessão. A cada leitura, novas e interessantes pistas parecem abrir-se, sobretudo tomando-se a posterior evolução dos participantes, da qual não se dará conta neste trabalho. Numa análise, necessariamente incompleta sublinharemos sobretudo a função dos sonhos e a(s) sua(s) mensagem(s).

O primeiro objectivo do trabalho com sonhos nas terapias de grupo é aceder a fontes de informação mais profundas do que as que são oferecidas noutras formas de comunicação, permitindo a tomada de consciência e a compreensão do sonhador e dos outros pacientes.

Se numa sessão aparecem sonhos múltiplos, isto é, se dois ou mais participantes apresentam sonhos, é útil considerá-los sonhos de grupo.

Talvez, a partir do conceito de inconsciente colectivo, os indivíduos tendam a reflectir aspectos de um tema grupal importante, em sonhos relatados ao mesmo tempo (Rutan e Rice, 2002).

Estas ideias parecem-nos ser um ponto de partida para a análise da sessão que acabámos de relatar.

A entrada de Sónia e Henrique veio despertar um grupo que atravessara um longo período de resistência ao trabalho analítico. Refugiava-se em diálogos terapêuticos racionalizantes ou em longos tempos de silêncio, recalçando os afectos emergentes no aqui-e-agora da relação transferencial. Os elementos do grupo tendiam para uma posição asséptica, “politicamente correcta”, quase de neutralidade e abstinência, protegendo-se reciprocamente da proximidade, da invasão de territórios.

No período que antecedeu a entrada deste novos membros, na contratransferência, senti muitas vezes um clima de “anestesia geral” resistente a qualquer interpretação, prontamente aceite pelo grupo, mas raramente conducente à alteração do status-quo. O grupo estabelecia quase sempre uma relação cognitiva com as interpretações, fazendo-me frequentemente sentir ineficaz. O trabalho de reflexão e a

análise contratransferencial permitiu compreender melhor o processo defensivo grupal e ir clarificando a sua resistência.

Esta situação foi-se instalando após o abandono de Maria, a última de um conjunto de saídas por razões diversas (duas de grande conflito), que marcaram os três primeiros anos de vida do grupo. Maria, no seu percurso grupanalítico, manteve um relacionamento hostil e reivindicativo, sobretudo com o analista, mas também com os seus pares. Susana, que regressou hoje após um ano de pausa, ia dando alguma réplica a Maria. Acabou por reconhecer nela traços da sua mãe. Mais tarde concluiu que na sua atitude queixosa e lamurienta, Maria acabava por obter a atenção do grupanalista, e que a sua própria atitude de autonomia e independência escondia a mesma necessidade de atenção e afecto.

Susana fica perturbada com a saída de Maria, e recorda a saída de Joaquim, três meses depois da sua entrada, fantasiando que ambas têm a ver com a relação consigo.

A verdade é que, o nível da maturidade grupal, as vicissitudes da sua história, a matriz ainda instável, não permitiam lidar, em segurança, com a hostilidade emergente. Susana, sobretudo, receava perder o controlo da sua agressividade, quer no grupo quer fora dele, resultado do seu processo analítico. Manifestou por mais de uma vez esse receio, ao comentar o que se passava com os seus companheiros de grupo.

A ambivalência que sente em relação à análise fica mais uma vez clara, na sessão que reproduzimos, nas respostas que dá a Henrique. No início da interrupção – era complicado; *faltava qualquer coisa*, – mas também, ao pensar no regresso, – *parecia-me que não queria mexer nas coisas*.

Na altura em que interrompeu a análise, começou a desenhar-se um novo conflito, agora entre Susana e Cândida. Nele estava latente uma rivalidade, que vinha desde a entrada de Susana – o primeiro novo membro desde a formação do grupo. Nesta altura Cândida sonha que numa sessão particularmente conflituosa, procurou por mim e eu não estava. Depois viu-me, através de uma janela, passeando com Susana, de braço dado, numa paisagem bucólica de início do século: - *Como nos filmes ingleses!* Chamava por mim mas eu não a ouvia. A saída de Susana poupou ambas a uma situação de confronto aberto.

Desde a entrada de Sónia, está por sua vez latente, um conflito entre esta e Cândida. No dizer de Cândida, Sónia exprime os seus sentimentos com demasiada facilidade, manipulando o grupo, é capaz de ocupar espaço, de requerer atenção: - *Ao contrário de mim, que sofro tanto como ela*.

Henrique, jovem deprimido cujo pedido manifesto se referia a queixas de fobia social, mostrou, na fase inicial, grande impaciência pela lentidão do processo terapêutico, tendo dificuldade em aderir claramente ao grupo e ao analista. Apesar do receio de ser julgado lá fora por fazer grupanalise e da desconfiança face à sua eficácia, ia comunicando ao grupo os seus progressos. Reconhecia utilidade do trabalho analítico. O grupo reagia às suas questões com alguma condescendência, *de veterano para caloiro*. Henrique vê em Susana um interlocutor mais imparcial. Afinal

esteve um ano fora, pôde criar distanciamento: - *Quanto tempo de terapia?; O que mudou entretanto?; Contara ao namorado?*

Criou-se na sessão uma dinâmica semelhante à de uma família onde chega um parente há muito distante. Toda a atenção, na fase inicial, se centra em Susana. Henrique faz perguntas. Quer saber coisas.

Gonçalo, sempre atento à resistência dos seus pares, faz uma identificação á figura do grupanalista - uma forma de ele próprio resistir -, e vai confrontando Susana com as suas ambivalências. Desta feita relativamente à sua vida lá de fora: um envolvimento amoroso que, já estando no grupo, Susana estabeleceu e manteve. A reacção é, no seu estilo defensivo habitual da altura, racional.

Repentinamente César, jovem com um percurso académico exemplar, deprimido e com forte sintomatologia fóbica (hoje ultrapassada) intervém. César, com óptimo potencial analítico e um grande desejo de auto-conhecimento, mantém por outro lado, uma atitude deliberadamente discreta e defensiva. Diz frequentemente, reagindo aos reparos do grupo: - *tenho medo de me expor; tenho medo de ser julgado; medo de decepcionar*. Incapaz de se zangar, reivindicar espaço ou atenção, nunca interrompendo a comunicação dos outros, comunica algo aparentemente desgarrado. Enquanto Susana conta o que fez e o que foi para ela a grupanalise até ali, César lembra-se de uma enorme solidão vivida na terapia.

Anzieu (1985), citado por Foss (1994), vê o grupo como equivalente ao sonho. Verifica-se por vezes, e este é o caso do sonho de César, que ao faltar a uma sessão o paciente sonha com o grupo. O sonho ocorre no lugar da sessão, o que pode sugerir a substituição de um pelo outro. Para o terapeuta isto abre a possibilidade de ouvir a sessão do grupo como se de um sonho se tratasse.

César nunca contara um sonho. A ausência de sonhos é claramente uma resistência ao processo analítico. Sobretudo à expressão de afectos agressivos. César conseguiu criar uma dinâmica de protecção à sua volta. O grupo, geralmente valoriza as suas comunicações, reforça-o, securiza-o. Por outro lado, mais de uma vez Gonçalo interveio em momentos onde pressentiu o perigo de César se zangar, anulando a sua potencial agressividade.

Este sonho é um exemplo dos sonhos que não se resolvem numa sessão, sendo pegado por outros elementos (nomeadamente Henrique, na sessão a seguir) e pelo analista nas semanas que se seguiram. O material dos sonhos não se perde. Os temas voltam seja qual for o elemento que os tenha sonhado. Os temas voltam através do sonhador ou de outros elementos do grupo. Este é também um sonho que ajuda a clarificar a vivência do processo terapêutico e das relações tranferenciais que estabelece. Em César, é indicador de uma fantasia que não é manifestada na comunicação verbal. É apenas percebida, por momentos, no nível não-verbal. Na sua comunicação verbal, aliás, transmite o oposto:

- *Aqui no grupo é onde sou mais eu; o Dr. é alguém em que confio.*

Também se pode dar o caso de César, o “transportador do sonho” (Kaës R, 2002), estar a ser recipiente da projecção do grupo e a transmitir uma ansiedade grupal. Por outro lado, ao contar um sonho ao analista e aos outros elementos do grupo, está também a falar da sessão analítica.

No que ao seu mundo interno diz respeito, o retorno de Susana faz reagir César (em diferido), à entrada de Sónia e Henrique. Parece estar a reagir à “dificuldade na partilha de mãe” (Faure, 1979, citado por Salgado F & Pinto T, 2000). Reage à intrusão destes elementos que lhe tiraram o lugar de filho mais novo do pai/mãe analítico, gerando-lhe insegurança e provocando uma sensação de abandono expressa claramente no material onírico.

Entretanto, este material espelha uma decepção com o pai (afinal o seu medo de decepcionar é o medo de se decepcionar), vivida com culpabilidade, não lhe permitindo zangar-se, levando ao recalçamento e à formação de sintomas depressivos e fóbicos.

Este sonho representa um duplo ponto de viragem. No paciente e na sua dinâmica interpessoal no grupo (e lá fora) e, mais imediatamente, na própria sessão em que é contado. Na verdade esta sessão abre caminho a César para falar mais claramente dos seus receios de não ser apreciado, amado, caso ouse mostrar-se tal como é, caso ouse exprimir a sua insatisfação o seu sentimento de injustiça. Começa, com custo, a criticar os pais, que tudo lhe deram, mas que exigem sucesso, e adequação social aos seus padrões, sem que o seu esforço para corresponder a essas expectativas seja valorizado, ou sequer mencionado. Toma consciência da culpa que assume por se sentir e desejar ser diferente.

É vulgar um paciente contar um sonho e outros recordarem sonhos seus, onde é fácil encontrar uma temática comum, identificando a preocupação principal do grupo naquele momento. Por esta razão, as reacções dos membros do grupo e as associações do sonhador elucidam grandemente sobre o significado do sonho. Neste caso, não foi possível atender às associações do sonhador cujo relato fez emergir, quase automaticamente, outra intervenção.

De facto, nesse momento acontece um padrão já pouco frequente mas não inédito em Gonçalo, sobretudo em situações de forte pressão interna. Não dá espaço a César para devolver algo ao grupo, após o meu comentário. Numa atitude impulsiva, com dimensões competitivas, conta o seu sonho.

A capacidade para, autonomamente, lidar com aspectos emocionais do sonho, mostra a capacidade do Ego funcionar como um auto-continente para elaborar esses conteúdos. Esta capacidade vai sendo desenvolvida ao longo do processo de desenvolvimento.

Gonçalo é um jovem com excelente nível de funcionamento intelectual e boas capacidades emocionais, mas profundamente angustiado. Deseja e procura segurança parental, simultaneamente sem esperança que ela venha, para sobreviver aos seus medos de rejeição e aniquilação. Revive no grupo o complexo fraterno (Zimmerman D, 2000) com a ambivalência amor/rivalidade/ciúme, e o deslocamento das pulsões libidinais/agressivas para com as figuras parentais. Na sua família de origem desempenhou quer uma função materna face aos irmãos mais novos, quer a substituição de uma irmã, dois anos mais velha, morta por doença prolongada. Do longo período de doença da irmã, ainda hoje venerada na família, Gonçalo não recuperou da sensação de perda e prejuízo, e sobretudo não recuperou, até esta altura, um lugar que fosse o seu.

O regresso de Susana vem reacender as suas angústias face à luta pelo primeiro lugar na atenção do analista/mãe. Tem adoptado desde o início do seu percurso analítico o papel de terapeuta: é isso que eu acho que o José quer de mim. Por um lado compete pelo meu lugar afectivo no grupo, por outro evita as dimensões ameaçadoras do meu olhar analítico. Nas suas palavras, *protegendo-se e protegendo os irmãos do pai*. Conseguiu junto da maioria o papel de irmão mais velho. Mas como ele diz: - *O irmão mais velho nem é o pai, nem pode ser um irmão como os outros*.

Sinto na mensagem relacional que nos envia esta dura luta interna: Gonçalo, na sua vida e na análise não consegue prescindir daquele papel. Mas deseja profundamente outro: quer ser protegido, quer poder falhar, quer outro lugar no grupo e na relação comigo. Neste “comboio fantasma”/“casa (interna) assombrada”, um dos “monstros” que o pode atacar é a sua própria agressividade, impossível de ser vivida na transferência por medo da retaliação do grupo e do analista que não confia que possa ser continente e transformador da sua hostilidade.

É a relação com o continente, a que aludimos (Abreu Afonso J, 2004), que também transforma a experiência. Sentimentos intoleráveis são processados e reintrojectados através da rêverie, transformando *beta* em *alfa*. Esta relação continente/conteúdo (Bion in Friedman R, 2002) é uma relação básica, uma preconcepção que determina o desenvolvimento da *função K*. Se as capacidades de processamento geradas na relação mãe criança falharam, elas têm de ser melhoradas na terapia. O sonho de Gonçalo é uma mensagem com excesso de conteúdos assustadores insatisfatoriamente processados na sua primeira tentativa autónoma. Trata-se também do pedido de um continente.

O sonho toca ainda a questão da bissexualidade psíquica e o receio de a abordar, isto é, a ligação de aspectos masculinos e femininos. A compreensão interna da bissexualidade é sentida com medo. Na sequência do sonho de César, o grupo pode ser a representação do *self*, espelhando a dificuldade de integração dos seus diversos aspectos.

A aparente falta de resposta ao sonho de César só o é do ponto de vista da associação de ideias ao conteúdo manifesto. Na realidade, o sonho de César toca tão profundamente o grupo que leva a uma associação instantânea, correspondendo a um ponto de viragem. O processo de perlaboração fica claro ao ouvir as associações que Gonçalo faz hoje.

A dinâmica das múltiplas identificações projectivas na situação grupanalítica, além do instrumento terapêutico em que se constitui, aprofunda a compreensão do paciente pela observação das suas manobras e defesas no grupo. Cândida revela nesta sessão um dos aspectos da sua personalidade que tem marcado o seu percurso analítico e a relação contratransferencial. Aqui, empatiza com Gonçalo. Sentindo o seu apelo e a sua fragilidade procura securizá-lo. Mais tarde, sentindo-se ameaçada, agirá de outro modo.

Quando um sonho é trazido para o grupo isso pode estimular a recitação de outros sonhos, dando origem a uma cadeia associativa, não de palavras ou de fantasias, mas de sonhos. Isto permite estabelecer conexões e ir mais longe. Os relatos de

sonhos têm um vector horizontal no contexto das associações que se estabelecem, mas também tem um vector vertical, com uma função profunda, servindo o funcionamento do grupo como um todo, à luz da partilha de contextos afectos e experiências, problemas e circunstâncias grupais (Friedman R, 2000).

A cadeia associativa/competitiva prossegue com o relato de Sónia, marcada por uma mãe deprimida, sentida como manipuladora, um pai ausente e ansiogénico e uma família desestruturada. A um outro nível, o seu mundo interno foi marcado por um aborto não consumado, mas descrito a Sónia, na infância. Várias vezes nas sessões descreveu o sentimento de estar prestes a desintegrar-se.

Com um bom percurso académico e boa capacidade analítica que muitas vezes usa de forma defensiva, luta pela sua sobrevivência emocional. Manifestando uma enorme dificuldade em controlar os impulsos, é no entanto capaz de entrar em contacto com o mundo interno e os seus fantasmas. Tem uma relação de clara competição com o grupo face ao analista, vivido como simultaneamente ameaçador e protector. Pela minha função posso ser - um manipulador, um louco, ou estar ali a brincar às vidas. Por outro lado, protejo-a e ajudo-a a enfrentar os seus terrores e os irmãos analíticos.

Cândida, cedo percebeu Sónia como uma ameaça à sua necessidade de afecto/gratificação no grupo, e ao seu protagonismo. Cândida, que nunca fora enfrentada, pressente uma ameaça, o que mais tarde virá a confirmar-se, ajudando-a a compreender o seu sistema defensivo e a entrar no troço final da sua análise. Reformula e ecoa a comunicação de Sónia. Mas fica a dúvida se não estará a acusá-la de fechar a comida à irmã. No conteúdo latente desta intervenção, - fundamental para perceber a atitude de Cândida, marcada por uma mãe emocionalmente distante e imatura - ela acusa Sónia de lhe roubar o alimento analítico, a atenção do analista. Mas acaba por fazer um movimento de recuo, e aperceber-se da fragilidade de Sónia naquele momento.

O padrão relacional que aparece no sonho pode ser reeditado no grupo através da transferência e pelas relações inconscientes grupais. Os objectos desse padrão podem ser o analista ou os pares, um subgrupo ou todo o grupo. Quando se opta pela interpretação ela deve clarificar as ligações inconscientes entre o mundo interno do sonhador e as suas relações com o mundo dos objectos, tendo como fim conter a sua reedição (Arons BS, 1978). Gonçalo, neste momento da sessão, nas suas intervenções interrogativas/interpretativas ajuda nesta clarificação. A transmissão da sensação de *holding*, necessária a Sónia e ao grupo, é reforçada no comentário final com que Henrique encerra a sessão. Henrique, silencioso mas atento, que percorre durante a sessão um caminho que vai da dúvida ao sentimento/desejo de pertença e protecção.

Pelo meu lado, a forma que encontrei de estar mais próximo do grupo, consistiu em - avaliando a resposta grupal e o eco emocional, que me parecia de qualidade -, evitar a tentação interpretativa racionalizante, optando por uma atitude de presença e aceitação da transferência negativa. O grupo, em particular Gonçalo e Henrique, parece ficar incomodado com esta manifestação transferencial negativa e querer vir salvar o analista.

O sonho de Sónia é revelador dos seus medos mais profundos. Será que pode

confiar em nós? Será que não vamos fazer-lhe mal? Será que eu a utilizo como sente que sempre a utilizaram? Por outro lado, parece também haver a previsão da luta em que viria a envolver-se no período seguinte da análise, quando o grupo começou a falar mais livremente e a poder elaborar a competição grupal, o ciúme e a inveja.

O que parecia constituir uma resistência ao processo terapêutico, começou a ser reconhecido abertamente trabalhando-se a frustração de um relacionamento não privilegiado com o analista.

No sonho, o *self* de Sónia/prédio da mãe, é também o grupo com os seus participantes/inquilinos no meio dos quais procura o seu lugar, com medo e esperança de auxílio, e, um porteiro que apesar de assustador brinca com os miúdos e protege-os dos tarados que andam na rua. Há nesta metáfora uma condensação da família, do grupo e do analista.

Por outro lado, na associação do material e na escuta flutuante emerge o tema “fechar a despensa” que pode representar um retraimento narcísico (Steiner J, 1993), “fechando-se na despensa”, “fechando-se”. O irmão seria uma parte do *self* que se defende de entrar no grupo. E na transferência é como se eu a criticasse também por isso. O retraimento psíquico é, como se sabe, uma defesa contra a desestruturação.

Senti uma tendência no grupo e em mim próprio para satisfazer Sónia (e o grupo). Satisfazer a sua necessidade de uma figura parental segura. Henrique é o porta-voz deste sentimento quando diz a Sónia (e ao grupo), que andava por ali um senhor Jorge a protegê-la (os).

À medida que a sessão decorria identificava uma atmosfera de afectividade unindo os participantes, a par de sentimentos latentes de rivalidade, a pedirem para ser trabalhados. O meu sentimento reflectia, provavelmente a ambiguidade central na transferência de Sónia - de Gonçalo e Cândida, mas também de Henrique, César e Susana -, na situação grupal, que reacendia padrões conflituais passados. Padrões constantemente reproduzidos comigo e com o grupo que foram sendo trabalhados nas semanas/meses seguintes, permitindo-me aceder melhor ao conflito intrapsíquico e interspsíquico vivido no grupo naquele momento.

Nesta sessão e nas seguintes sentia claramente o que mais tarde encontrei descrito por Dinis CV (2000): a relação entre o grupanalista e os elementos do grupo é especial, pelo quadro em que se desenrola, pelo fim a que se propõe atingir e pela assimetria de papéis. Esta assimetria implica responsabilidades diferentes, a fazer uso dos recursos que naquele universo só eu possuía. Na contratransferência sentia algo específico do *setting* grupanalítico (Abreu Afonso J, 2010). Questionava-me como atender às intensas solicitações simultâneas dos meus pacientes. Ficava a pensar como ajudar Gonçalo a introjectar um bom objecto, capaz de o proteger das profundas crises de angústia que ciclicamente o atacavam, e por outro lado, como ajudar César, sempre tão discreto na sua forma de pedir ajuda, mas subitamente assustado com um anfiteatro de trezentas pessoas. Como ajuda-lo a sentir um olhar que o diferenciava como único na sua individualidade, a tomar o seu lugar, a reivindicar a minha atenção e a aprender a cuidar de si? Como ajudar Cândida a elaborar a sua subtil agressividade defensiva e a verdadeiramente enfrentar a sua fragilidade. Como reparar o seu sentimento de desamparo e tornar mais leve o seu

peso de existir? E Sónia? E Henrique? E Susana, perplexa e confusa com a intensidade emocional das sessões, a presença súbita de dois novos irmãos?

Só a tomada em consideração do grupo como um todo, sem no entanto perder de vista cada elemento em particular permitiu que confiasse na minha capacidade de ser continente do desconforto vivido no grupo, ajudando-o a abrir caminho para colocar na cena analítica vivências difíceis que pediam elaboração.

Analisar os sonhos permite aprofundar o conhecimento de partes rejeitadas e ignoradas do indivíduo. Na grupanálise, o trabalho com material onírico promove o crescimento dos participantes, incluindo o analista e o grupo como um todo.

Bibliografia

- Abreu Afonso J (2004) Sonhos e Grupanálise. Grupanálise 2004, pp. 45-46. Lisboa: Fim de Século.
- Abreu Afonso J (2010). Transferência e Contratransferência – Particularidades da Situação Grupanalítica. Comunicação apresentada ao XI - Congresso Nacional de Grupanálise, Lisboa, Novembro de 2010.
- Arons BS (1978) First Reported Dreams in Psychoanalytic Group Psychotherapy. American Journal of Psychotherapy 32, pp. 544-551.
- Dinis CV (2000) Desejo e Perda na Contratransferência. Grupanálise 1, pp. 51-58.
- Foss T (1994) From Phobic Inhibitions to Dreams. Group-Analysis 27, pp. 305-317.
- Friedman R (2000) The Interpersonal Containment of Dreams in Group Psychotherapy: A Contribution to the Work With Dreams in a Group. Group Analysis 33, pp. 221-233.
- Friedman R (2002) In Nery C, Pines M, Friedman R (eds.) Dreams in Group Psychotherapy – Theory and Technique. London: Jessica Kingsley Publishers. pp. 46-66.
- Kaes R (2002) The Polyphonic Texture of Intersubjectivity in the Dream. In Nery C, Pines M, Friedman R (eds.) Dreams in Group Psychotherapy – Theory and Technique. London: Jessica Kingsley Publishers.
- Rutan JS & Rice CA (2002) Dreams as Defense and Coping Strategy in Group Analysis. Group Analysis 28, pp. 465-472.
- Salgado F & Pinto T (2000) Rivalidade Fraternal em Grupanálise. Grupanálise 2, pp. 46-58.
- Steiner J (1993) Psychic Retreats. N.Y. & London: Routledge
- Zimmerman D (2000) Fundamentos Básicos das Grupo terapias. Porto Alegre: Artes Médicas.